

EU QUIS GRITAR

TANIA CÁRDENAS PAULSEN

(2010)

Tradução: Carol Vidotti e Malú Bazán

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “HISTÓRIAS DE NOSSA AMÉRICA”, contemplado pela 35ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

EU QUIS GRITAR

Dia 25 de novembro de 2020 – 20h
Leitura feita remotamente via plataforma Zoom.

FICHA TÉCNICA

Dramaturgia: Tania Cárdenas Paulsen (Colômbia)
Direção: Erica Montanheiro
Tradução: Carol Vidotti e Malú Bazán
Elenco: Abel Xavier, Carol Vidotti, Fábila Mirassos e Wallyson Mota
Projeto Gráfico: Alexandre Caetano – Oré Design Studio
Assessoria de Imprensa: Pombo Correio
Assistente de Produção: Melina Marchetti
Produção: Carol Vidotti e Wallyson Mota
Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br
labirinto.contato@gmail.com
[@coletivo.labirinto](https://www.instagram.com/coletivo.labirinto)



PERSONAGENS

NINA

JÚLIO

MULHER

ALEJO

IRMÃ

QUADRO 1

MULHER: O que fazer em caso de violência doméstica?

Encontre o lugar mais seguro da sua casa. Aquele em que você corra menos perigo caso seu cônjuge te ataque. Evite a cozinha: ali tem facas, panelas, garfos, pegadores, garrafas, martelo de carne e outros objetos que podem ser utilizados contra você.

O ideal é que nesse lugar haja um telefone para pedir ajuda caso seja necessário. Invente um código. Que seus familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho conheçam. Que saibam que se você o usar, devem chamar a polícia.

Tudo deve estar pronto para você sair correndo a qualquer momento. O carro deve ter gasolina suficiente. Na mala, ou no bolso, tenha sempre uma cópia dos seus documentos. Tenha preparado e escondido algum dinheiro, roupa, cartões e números de telefone.

Júlio sorri.

MULHER: Obtenha provas de tudo, das ameaças, insultos, pancadas, gastos, festas, infidelidades.

Júlio começa a rir.

MULHER: Tenha sempre testemunhas por perto. Preferencialmente que sejam amigos. Familiares, em muitos casos, são desconsiderados pelo juiz por serem justamente isso: familiares.

Júlio ri alto.

MULHER: Se te bater e deixar alguma marca, vá imediatamente ao Instituto Médico Legal e sem medo conte o que aconteceu. Com o laudo em mãos, vá a delegacia mais próxima e faça uma denúncia por agressão.

Abra processos judiciais por sequestro, ameaças, insultos e humilhações, pelo que for, mas comece a denunciar sempre que for possível. Se você não fizer isso, será ela que fará.

Júlio para de rir.

JÚLIO: Ela?

MULHER: Não se deixe guiar por sentimentos. Essa é uma arma mortal que as mulheres sabem usar muito bem.

JÚLIO: As mulheres?

MULHER: Nem pense em suicídio. Ela ficaria com tudo e uma vez morto não haverá como desmenti-la. Sim. Elas. As mulheres. Sua mulher. Sua esposa. A senhora com quem você se casou.

JÚLIO: Nina?

MULHER: E aqui chegamos ao ponto mais importante. Nem em sonho pense em engravidá-la. Depois de ter filhos, ela os usará para prendê-lo, para tê-lo sob seu total domínio e controle. Depois colocará seus filhos contra você. Fará com que o odeiem, o aborreçam. Reneguem você.

E nesse dia, você não só estará na rua, fodido, sem um centavo, com o nome sujo, manchado. Mas também terá que lidar com um coração partido que não entende em que momento o bolo desandou.

JÚLIO: Isso é um absurdo.

QUADRO 2

NINA: Não posso evitar. Digamos que estamos em uma festa. Tem gente por toda parte. Gente bonita, feia, interessante, entediante. Mas gente. Gente com vontade de conversar. E eu não posso negar. Eu gosto de conversar. Conversar de vez em quando. Sair de casa de vez em quando. Ver gente de vez em quando. Gente que não seja meu marido. É nessa hora que eu me sinto em casa. Tenho uma festa toda pela frente para conhecer pessoas. Para que? Para que quero conhecer pessoas? O Júlio me pergunta. Para nada. Para falar. Olho ao redor e sou feliz. Mas volto a olhar para ele e vejo Júlio, meu marido, a menos de meio metro, e começo a pressentir o que está por vir.

JÚLIO: A comida não está muito boa.

NINA: Fomos avisados. Ricardo disse que não era um bom cozinheiro.

JÚLIO: E eu estou morrendo de fome.

NINA: Eu te disse para comer em casa. Por isso insisti tanto. Porque sabia que...

JÚLIO: E se saíssemos para comer um hambúrguer?

NINA: Agora?

JÚLIO: Nessa casa a comida é intragável.

NINA: Acabamos de chegar.

JÚLIO: Mas eu tô com fome.

NINA: Olha na geladeira.

JÚLIO: Só tem frutas.

NINA: Nos armários.

JÚLIO: Só tem enlatado.

NINA: Então se entope de amendoim que passa.

JÚLIO: Você quer que eu vá embora?

NINA: Não, quero que você se divirta.

JÚLIO: Com estômago vazio não tem jeito.

NINA: E é nessa hora que eu fico com vontade de dizer: vai se fuder! Mas eu não digo. Eu engulo. Não quero brigas, hoje quero me divertir um pouco. Digo para ele: me dá um tempinho para ver como solucionamos isso do seu estômago. E vou direto para cozinha, mas no caminho esbarro com a Lina, que eu não via há seis anos. Acabou de se separar e ficou com a guarda dos quatro filhos. E eu acho incrível, não consigo conceber que ela sozinha seja capaz de sustentar a família toda. E eu pergunto como é que você dá conta, e quando ela está a ponto de responder que o marido é um inútil...Júlio se aproxima e me diz:

JÚLIO: Conseguiu alguma coisa?

NINA: O que?

JÚLIO: Comida. Estou rugindo de fome.

NINA: Pois ruja.

JÚLIO: Não fala assim comigo.

NINA: Era uma piada.

Digo para ele. E deixo Lina com sua separação e vou vasculhar a geladeira. Tomate, alface, salsichas vencidas, e no meio disso aparece Nico. Seu pai está ferrado com a próstata, a pressão alta está matando a sua mãe e Nico precisa conversar porque...e aí Júlio aparece na porta e me faz um sinal para que eu continue procurando e esfrega a barriga querendo me dizer que não é mais um leão que ele tem no estômago e sim um dragão que cospe fogo. A maldita gastrite. Deixo Nico com a próstata e vou atrás do Ricardo, o dono da casa, peço seu endereço para pedir um delivery, ele me dá, o endereço, mas errado, então o hambúrguer que eu pedi já está mais de uma hora atrasado, e eu passo a festa ligando mil vezes para o restaurante para ter certeza de que o pedido...e quando vejo, Júlio está capotado numa cadeira.

Eu penso: se ele consegue dormir é porque a gastrite não está tão pesada assim. Desligo. Melhor que durma porque dormindo não sente fome e então eu dedico um bom tempo

a Elisa, que não sabe se seu marido é infiel ou não e está precisando de um conselho, eu conto para ela que acabo de mudar de trabalho e meu salário triplicou, e que eu não sei onde investir meu dinheiro, mas ela não escuta porque está concentrada no problema dela e não no meu, então vou conversar um pouco com Federico, que acaba de chegar de um ashram na Índia e está ótimo. O barulho nos incomoda e vamos para o jardim, ele me conta do retiro no ashram e dos quilos que perdeu fazendo meditação, e eu falo que também tenho feito exercícios e levanto a blusa para mostrar meu abdômen e Júlio aparece na porta, vê a cena e eu já sei o que vem por aí. Ele quer me matar e matar Federico, mas engole tudo e diz que estou bêbada, que vai chamar um taxi, que já pegou minha bolsa e minha jaqueta e que vamos embora já.

E já é já.

Mas Júlio...

JÚLIO: De novo não, Nina. Eu sou uma boa pessoa, mas não idiota.

NINA: Em casa, silêncio. Não diz nada. Come numa sentada tudo o que comprei para os próximos quinze dias, reclama do aspecto da carne, amaldiçoa a temperatura da sopa e está convencido que estão fazendo o pão com margarina e não com manteiga e por isso está com um gosto nojento, e eu não aguento mais essa energia ruim e digo pra ele que vou sair. E saio. Vou embora mesmo. Não sei para onde. Para rua. Dar uma volta de meia hora. Num boteco, viro três cachaças de uma vez e decido voltar. Não é fugindo que os problemas vão se resolver. Mas quando volto para o apartamento, Júlio finge estar dormindo.

Vamos conversar.

JÚLIO: Ah?

NINA: Você e eu temos coisas para resolver...

Júlio se vira. Me dá as costas.

Preciso que a gente converse agora.

JÚLIO: Amanhã. Amanhã, o que você quiser.

NINA: Amanhã não dá.

E como não me dá bola, acendo a luz. E como continua não me ouvindo, ligo o rádio no máximo. E como ainda assim me ignora, arranco seu cobertor.

Finalmente Júlio olha para mim. Tem vontade de me matar. Dá para ver nos seus olhos. Se pudesse me enforcaria. Essa cara me dá medo. Estou indefesa. Completamente indefesa.

Morra.

JÚLIO: Essa é a única coisa que quero. Morrer.

NINA: Não sei de onde vem o impulso e a força, mas agarro a manga do seu pijama, arrasto Júlio até a sala e grito para ele que não seja injusto. Que ele não pode morrer. Eu saio de mim, porque estou com sono, com raiva, porque bebi muito, porque estou puta da vida, e minha mão se levanta sozinha e se crava na mandíbula de Júlio. Sangra. Eu peço perdão, mas Júlio está atordoado e não me escuta. Continua não querendo me ouvir. Nesta casa ninguém escuta quando eu falo. E tudo sai de controle e eu não sei como acabo chutando Júlio não sei onde e o que acontece a seguir é que estamos os dois numa clínica, ele está machucado e eu tenho uma mão fodida e agora Júlio deve estar pensando que a culpa é minha, porque eu sou má, porque não o entendo, porque nunca o amei. E de verdade já nem sei se o amei um dia, já não sei se o entendo. Mas má, má eu não sou. Um pouco histérica, talvez. Mas má?

QUADRO 3

JÚLIO: Na clínica dissemos que estávamos dançando e tínhamos caído por conta da bebedeira. No escritório eu disse que foi no sítio da minha cunhada, saindo da piscina. Que não vi a borda e ao sair acabei rachando a testa. Para minha família eu disse que foi jogando futebol com o pessoal do escritório. Me colocaram de goleiro e um que tinha fama de ser folgado deu com a chuteira em mim, mas eu protegi o gol. Meus sobrinhos agora me olham como se eu fosse um herói. Para o Alejo eu disse que foi na cama, que

num momento de sexo selvagem com Nina eu acabei perdendo o controle, e que nós dois acabamos ficando meio destruídos, mas felizes. Ele ficou com inveja por essas coisas ainda acontecerem comigo.

ALEJO: Meu irmão, isso não é uma ferida. É um troféu. Você tem que sair exibindo, porque poucos na nossa idade podem se dar ao luxo de dizer por aí que a mulher ainda dá assim para eles.

JÚLIO: Todos acreditaram em mim. Meu chefe, inclusive, me propôs que eu tirasse o dia de folga, mas eu não aceitei. Precisava ficar no escritório até tarde. Tão tarde quanto fosse possível.

Nina e eu ainda não tocamos no assunto. Não trocamos uma única palavra a respeito.

ALEJO: É que a mulher com quem você casou é uma puta gostosa.

JÚLIO: Você acha?

ALEJO: E você não?

JÚLIO: É sim. É, eu acho. Nina é o tipo de mulher que sempre sonhei. Inteligente, forte, segura de si, independente e, além disso, bonita. Muito bonita. Na rua os caras se viram para olhá-la. Nas festas de fim de ano do escritório já ouvi colegas se perguntando o que ela viu em mim. E eu, às vezes, me pergunto a mesma coisa: Se a Nina podia ter ficado com quem quisesse, por que me escolheu? Alguma coisa eu devo ter... mas de verdade eu não sei o que é.

QUADRO 4

NINA: Jamais, jamais imaginei que algo assim pudesse acontecer. O Júlio sempre foi tão tranquilo, tão pacífico, tão correto, tão dócil, tão...

IRMÃ: Obediente?

NINA: Sempre tentando me agradar... Eu contei pra você que ele está indo trabalhar de ônibus para que eu fique com o carro se precisar?

IRMÃ: Você está mudando de assunto. O que foi que aconteceu?

NINA: O Júlio estava muito bêbado, brigamos porque eu o vi paquerando uma mulher e ele ficou furioso por causa do meu ciúme.

IRMÃ: Eu mato ele.

NINA: Empurrei ele um pouco, escorreguei e foi aí que torci o pulso. Foi legítima defesa. Achei que ele fosse me bater.

IRMÃ: Não duvide. Ele ia te bater. Você deveria denunciá-lo.

NINA: Eu pensei nisso, mas...primeiro quero falar com ele.

IRMÃ: Eu tenho um amigo que trabalha numa delegacia da mulher.

NINA: Me dá uns dias. Eu juro pela minha mãe que se ele voltar a levantar a voz para mim ou se eu perceber algo que me faça suspeitar que isso vai se repetir, pego minhas coisas, eu fujo, denuncio e mando ele para cadeia.

IRMÃ: Você sabe como é isso. Da primeira vez a culpa é do outro, mas na segunda a culpa é nossa.

NINA: Não se preocupa. Eu te contei porque precisava falar com alguém, mas isso não pode sair daqui.

IRMÃ: E quando você acha que vão conversar?

NINA: Em uns dias. Agora a empresa está no meio de uma licitação e ele tem trabalhado até de madrugada. Coitado.

QUADRO 5

NINA: Até que enfim o senhor decidiu aparecer. O que você quer que eu faça? Que eu fique a vida inteira esperando para ver se um dia você tem vontade de chegar antes da meia-noite? Para ver se algum dia volta a me dirigir a palavra? O que você quer? Que eu te peça perdão? Tá bom. Desculpa. Mil vezes desculpa. Será que já podemos voltar a nos comportar como duas pessoas normais? Ou o senhor vai continuar com essa superioridade a vida toda? O que é isso?

JÚLIO: Temos um horário agendado amanhã.

NINA: Terapia? Nós não precisamos de terapia. Eu não preciso de terapia.

JÚLIO: Eu sim, Nina. Estou um pouco confuso.

E Nina me diz que ela também. A minha cabeça não para de girar pelo que aconteceu. Ela não diz: porque eu bati em você. Porque eu acabei com a sua cara. Diz: pelo que aconteceu. Mais nada. Nenhum dos dois é capaz de nomear isso que aconteceu. Eu a entendo. Ela me mostrou uma faceta que jamais tinha me apresentado. Eu entendo, juro que eu a entendo. Não me deu muitos detalhes, mas eu sei que quando ela era pequena seus pais não viviam num refúgio de paz. Típica situação familiar. Uma mãe submissa, um pai machista. Um pouco de violência. Traumas para a vida inteira. Um pai que vai embora e deixa nas filhas o medo de serem abandonadas. Por isso luta por mim com unhas e dentes. Porque tem medo de me perder como sua mãe perdeu seu marido.

Eu não vou te abandonar.

NINA: Vamos tentar?

JÚLIO: Você quer?

NINA: Você não vai embora, né? Não vai me abandonar?

JÚLIO: Não.

Mas faz isso por mim, eu te peço. Uma sessão. Uma sessão, nada mais. Se você não gostar, a gente não volta.

NINA: Vai você.

JÚLIO: Queria poder contar para ela que já faz uma semana que estou indo à terapia. Ao invés de ir almoçar, me tranco numa sala por duas horas com uma mulher que até agora não consegue entender como minha esposa chegou a esse ponto. O que sempre me pergunta é: mas você lhe fez alguma coisa antes, certo? E eu insisto que não.

MULHER: Infidelidade?

JÚLIO: Não.

MULHER: Álcool?

JÚLIO: Não.

MULHER: Vício no jogo?

JÚLIO: Não.

MULHER: Drogas? Maconha? Cocaína? Êxtase? Popper? Anfetamina?

JÚLIO: Nada disso. E eu volto a contar a história, e ela quer acreditar em mim, mas não consegue. Hoje me disse que para poder continuar me atendendo ela precisaria conhecer a versão da minha esposa.

NINA: De jeito nenhum.

JÚLIO: Me ajuda.

NINA: Não há possibilidade nenhuma de eu expor minha vida privada para uma estranha.

JÚLIO: Não insisto. Certamente eu estou exagerando. Estou exagerando. Passam-se dias, dias e mais dias, e Nina a cada dia mais irritada.

NINA: Estou menstruada. Tenho náuseas. Estou com um vírus. Tenho um temperamento ruim. Tenho vontade de brigar. De gritar, de dar socos. Tenho uma ira que me consome. Tenho vontade de voltar a sentir o que eu senti quando minha mão deu na sua cara.

Júlio, eu me arrependo do fundo da minha alma do que fiz com você.

Eu não sou assim. Você me conhece.

JÚLIO: Eu achava que sim. Não aguento mais nenhuma surpresa.

NINA: Sou a única mulher que você ama e a única que te amou. Sou uma boa funcionária, me acabo de trabalhar dez horas por dia para terminar de pagar esta casa. Vou na academia três horas todo dia para que você não tenha vergonha da sua mulher. Faço mercado e cozinho só receitas que não aumentem o seu ácido úrico. Cuido da sua gota. Preparo seus banhos de sal de Epsom, seguro a vontade de vomitar quando você faz suas lavagens, eu seguro a sua mão toda vez que seus pés incham e você quase não consegue respirar de dor. Eu digo para você que está gordo e mesmo assim você não faz

dieta. Aguento seus roncos, não digo nada quando nos finais de semana você me deixa sozinha porque tem que trabalhar...

JÚLIO: Nina, eu não sabia que...

NINA: Você não sabia ou não me escutou?

JÚLIO: É, eu não te escutei... não posso fazer nada além de te pedir desculpas.

NINA: Pedir desculpa não é suficiente. Desculpas pedia meu pai toda vez que sumia de casa uma semana. Desculpas pediu meu irmão quando engravidou a namorada e não foi capaz nem de acompanhá-la na hora de abortar. Desculpas me pediu meu ex-marido quando me trocou pela sua aluna. Desculpas? Eu não ganho nada com essas desculpas.

JÚLIO: O que eu posso fazer?

NINA: Ser homem, para começar. Um homem de verdade. Cresça, para de me olhar com essa cara. Eu não tenho pena de você.

JÚLIO: Para onde você vai?

NINA: Para qualquer lugar onde eu não tenha que olhar nem escutar você. Estou até aqui.

JÚLIO: Não, Nina. Hoje não.

NINA: Desculpa?

QUADRO 6

NINA: Que cagada. Fiz merda, acabei com ele de novo. Mas pelo menos dessa vez não foi no rosto. A tiração de sarro no escritório teria sido terrível e aí quem é que aguenta. Foi nas costas. Com o salto. O buraco é pequeno, mas profundo. Precisava ter dado pontos, mas eu escondi a chave do carro para que ele não pudesse sair.

JÚLIO: Tem razão. No pronto-socorro fazem muitas perguntas.

NINA: Foi um acidente.

JÚLIO: Você faz um curativo?

NINA: Claro, meu amor.

JÚLIO: Nina tem as mãos delicadas, suaves. Sabe usá-las. Ela diz que é por ter feito tantos trabalhos manuais na escola. Saio do banho, ela coloca um pouco de álcool e eu quero gritar.

NINA: Dói?

JÚLIO: Um pouquinho.

Mordo minha mão para conter os gritos. Não quero que os vizinhos comecem a pensar sei lá o que. Por conta da dor, meu corpo inteiro se contrai e uma coisa acontece.

NINA: Tem uma ereção. A maior que eu já vi ele ter.

JÚLIO: Tento me controlar, respiro fundo, conto até dez, mas nada adianta. As mãos de Nina, o algodão, o sangue que não para de jorrar. Não estou excitado, tô de pau duro.

NINA: Muito duro.

JÚLIO: Meto nela de um jeito que nunca tinha feito. Ela não resiste. Pelo contrário, fala baixarias no meu ouvido. Me morde, enfia os dentes na minha orelha.

NINA: Júlio derrama lágrimas de prazer.

JÚLIO: Nina goza duas vezes.

NINA: Uma puta foda.

JÚLIO: A melhor desde que nos conhecemos.

NINA: O lençol fica manchado de sangue.

JÚLIO: Por causa da ferida nas costas e porque Nina me arranha, crava as unhas no meu pescoço, nas pernas, na minha barriga.

NINA: Mas no rosto não.

JÚLIO: Tomo outra ducha e começo a chorar. Choro. Choro durante três dias sem parar. Continuo chorando. Não vou trabalhar. Não atendo o telefone. Não saio de casa. Tenho

um ataque de gota. Não consigo comer nada. Tenho ataques de pânico. À meia-noite acordo sentindo falta de ar, não consigo respirar.

QUADRO 7

JÚLIO: Sejamos sinceros. Quando abrimos o jornal e encontramos outra notícia dizendo que um homem matou sua mulher a pancadas, um sorrisinho escapa, não? Sentimos que o mundo volta a ser como deveria ser, que a ordem impera e a justiça triunfa.

Olhamos bem para a foto que ilustra a notícia. O sangue manchando a roupa da morta nos faz babar um pouco. Nos dá prazer.

Queremos agradecer alguém. O cara que a matou. O que enfiou a faca, que deu socos ou o que disparou a arma. Deveríamos abraçá-lo, felicitá-lo, incentivá-lo a continuar cumprindo sua tarefa. Para que tudo saia bem. Queremos que ele termine o que começou. Que vá para a rua, que chute cada uma das mulheres que cruzarem seu caminho, que as esmague, que as destrua. Todas. Que não reste uma. Mas certamente isso não será possível. Este homem vai passar cinquenta anos na cadeia. Culpado por ameaça, assédio, perseguição, resistência à autoridade e homicídio qualificado. Alguma feminista cuspirá nele no julgamento, será humilhado pela juíza e na saída, sua advogada o olhará com todo o ódio que couber em seu corpo. Nenhuma mulher que conheça sua história vai querê-lo por perto. Sua mãe dirá que ele é a vergonha da família. Sua primeira namorada dará graças aos céus porque o largou para ficar com outro. Sua irmã não dirá nada, mas jamais irá visitá-lo na prisão. As vizinhas dirão que mudavam de calçada quando cruzavam com ele no caminho do mercado. Dirão que era uma tragédia anunciada. Este homem será condenado pela lei e pela sociedade. E não terá direito nem a redução da pena nem a liberdade condicional.

Mas ele está livre. Amontado com mais onze presos em uma cela de quatro por quatro, ele tem o que precisa. Dorme bem à noite, sonha com os anjinhos e sente que a paz chegou em sua vida. Finalmente, enfim, ele teve coragem de se livrar da sua mulher.

NINA: Você não fez as compras. Deixou o tanque de gasolina vazio. Não está usando o creme para os fungos nos pés. Não ligou para minha mãe no dia das mães. Nunca fez uma serenata para mim. Não tem mestrado nem doutorado. Tem verbos que você não conjuga direito.

JÚLIO: Acho que não aguento mais.

NINA: Você não me conta seus problemas. Não me tira para dançar. Não me leva para viajar nas férias. Você nunca me diz onde estou errando e depois me critica porque eu não mudo. Não tira o lixo às terças. Nunca diz que estou bonita.

JÚLIO: Acho que eu não te amo mais.

Silêncio.

NINA: O que você espera que eu faça com essa informação?

JÚLIO: Nina? Meu amor? O que você vai fazer?

QUADRO 8

MULHER: Austrália, 10 de novembro de 2001. Katharine Caballero admitiu ter matado seu marido com trinta e sete facadas. Depois o decapitou e esquartejou seu corpo, para cozinhar os pedaços e servir aos seus filhos, com legumes e molho. O juiz destacou que Caballero é extremamente perigosa, e que poderia cometer mais crimes, especialmente contra homens, se posta em liberdade.

Nina dá trinta e sete facadas em Júlio.

MULHER: Londres, abril de 2005. Uma jovem britânica de 28 anos, Kate Knight, tentou matar seu marido e procurou a fórmula do veneno no Google. Knight utilizou um anticoagulante nas bebidas e em um molho curry especialmente preparados para celebrar os sete anos de casamento.

Nina serve um prato de comida a Júlio.

MULHER: 4 de março de 2008. Hubei, uma província na China. Uma mulher mata seu marido por não lavar os pés. Wang e sua esposa Luo, se casaram em 2 de fevereiro, um mês e dois dias depois, às dez da noite, Luo percebeu que seu marido havia se deitado na cama sem ter lavados pés. Num ataque de cólera, Luo ateou fogo nos lençóis em que Wang dormia.

Nina põe fogo na cama em que Júlio dorme.

QUADRO 9

JÚLIO: Existiram erros.

Cheguei tarde mil vezes. Não olhei para ela, não a toquei, não a entendi, não fui o suficiente, não dei tudo de mim, não sou perfeito, sou um ser humano, não sou budista, não dei conta das minhas culpas, não dei conta dela, dela como um todo. Daquela que ela era no início, sim. Dela eu dava conta, mas foi ficando demais para mim, porque eu não sou forte, porque não estava preparado, porque nunca tinha amado uma mulher assim, porque sou fraco, porque me cansei, porque me assustei, porque não sei lidar com gritos, porque não era digno do seu amor, porque não sabia o que era respeito, porque eu não fui embora quando vi os primeiros sinais, porque pensei que podia mudá-la. Porque não quis reconhecer que o errado não era eu.

QUADRO 10

ALEJO: Espera. Vou chamar minha mulher. Ela sabe onde está o kit de primeiros socorros.

JÚLIO: Não. Não chama ninguém.

ALEJO: Ela é enfermeira. E isso aí...

A propósito, onde é que você se meteu? Que merda, acabaram com você.

JÚLIO: Merda. Eu virei um merda.

ALEJO: Já foi ao médico?

JÚLIO: Não.

ALEJO: Não quer que...?

JÚLIO: Não quero nada. Posso ficar um pouco aqui?

ALEJO: Já contou pra Nina? Ela deve estar preocupada com você.

JÚLIO: Me dá um copo de água? E uma aspirina.

ALEJO: Esses machucados aí não vão curar com aspirina.

JÚLIO: O que você está fazendo?

ALEJO: Ligando para a farmácia para pedir um analgésico mais forte.

JÚLIO: Desliga.

ALEJO: O que foi que aconteceu com você?

Onde aconteceu isso?

Tá doendo?

Por que está chorando?

JÚLIO: Nina...

ALEJO: Como ela está? Tudo bem?

JÚLIO: Larga essa merda desse telefone.

ALEJO: Ok. Ok.

Nina está bem?

JÚLIO: Aham.

ALEJO: Ela está em casa?

JÚLIO: Aham.

ALEJO: E está bem?

JÚLIO: Aham.

ALEJO: Tem certeza?

Júlio, você fez alguma coisa com a Nina?

Júlio tem um ataque de riso. Quase não consegue falar.

JÚLIO: Olha para mim, imbecil. Olha para mim. Tenho cara de ter feito alguma coisa com a minha mulher?

Não, não fiz nada a ela. Nunca fiz nada a ela.

ALEJO: Então o que aconteceu?

Atacaram você?

Sequestro relâmpago?

Ladrões entraram na casa de vocês?

Brigou com alguém?

Com um taxista?

Caiu?

Tá bêbado?

Como eu posso te ajudar, se você não me conta que merda aconteceu?

JÚLIO: Se eu te contar você vai rir.

ALEJO: Não seja idiota.

JÚLIO: Nina me bateu.

ALEJO: Nina?

JÚLIO: Com o secador de cabelo.

ALEJO: Você deixou uma mulher te bater?

Silêncio.

ALEJO: É muito idiota.

JÚLIO: Eu disse que você ia rir.

QUADRO 11

JÚLIO: Eu quis matar.

Eu quis vingança.

Eu quis justiça.

Eu quis que alguém me escutasse, que alguém me entendesse.

Eu quis gritar.

Eu quis morrer.

Eu quis que ela me matasse.

Que ela finalmente, me matasse.

Eu imaginei ela na cadeia, comendo merda, sendo violada, humilhada, como eu fui.

Eu quis abrir minhas veias mas descobri que o meu sangue não é o mesmo que o dela, este sim devia ter manchado o tapete.

Eu desejei não ter nascido.

Não a ter conhecido.

Eu quis.

Eu quis tirar esse medo de dentro de mim.

Esse medo.

Esse medo.

Esse medo.

De dentro.

De fora, da pele, dos testículos, da cabeça.

Ele está grudado em mim, agarrado.

Já faz parte de mim.

QUADRO 12

JÚLIO: Eu vim fazer uma denúncia.

MULHER: Irmã, mãe, amiga maltratada? Diga para preencher esse formulário, anexar os resultados do exame de corpo de delito, trazer duas testemunhas que confirmem os maus tratos e que escreva o endereço exato do abusador para mandarmos imediatamente a polícia.

JÚLIO: Senhora...é que não se trata de...

MULHER: Aqui todas entendemos a dificuldade que é para uma mulher acusar seu parceiro. Fale para a sua amiga, mãe, irmã que esses papéis todos são apenas formalidades. Que se ela nos der o nome do abusador, mobilizaremos um exército de advogadas, psicólogas, juízas, antropólogas, sociólogas, todas dispostas a ajudar.

JÚLIO: Trata-se de mim.

Não. Não me olhe com essa cara.

Eu não bati em ninguém, não violei, nem insultei. Ao contrário.

Olha as marcas no meu corpo.

Este roxo é de quinze dias, e esta ferida ela acabou de fazer...

MULHER: Delito comum é na sala 22 C. Próximo. Senhor, por favor. Retire-se e...

JÚLIO: Minha mulher me bate.

Silêncio longo.

JÚLIO: Isso não é de agora. Nos casamos há dois anos e no começo estava tudo bem. Normal. Como qualquer casal. Brigas de vezes em quando, algumas discussões. Mas há seis meses, quando ela mudou de trabalho, não sei o que aconteceu. Chegou de uma reunião de trabalho, meio bêbada, e começou a dizer que agora que ela ganhava mais do que eu...

MULHER: Idade?

JÚLIO: Desculpa?

MULHER: Idade?

JÚLIO: A minha?

37 anos.

MULHER: Altura?

JÚLIO: 1,80 m.

MULHER: Peso?

JÚLIO: Estes dados são necessários?

MULHER: Peso?

JÚLIO: 80kg.

MULHER: Quanto pesa sua mulher?

JÚLIO: 55kg.

MULHER: Altura?

JÚLIO: Por que você quer...?

MULHER: Altura?

JÚLIO: 1,67m.

MULHER: Senhor, você de verdade quer eu que acredite que 55kg podem mais que 80?

QUADRO 13

Júlio entra arrastando vários vasos com arbustos e flores. Em sua mão traz um regador metálico para o jardim.

NINA: Onde você estava?

JÚLIO: Olha o que eu comprei.

NINA: Você não devia estar entregando currículos?

JÚLIO: Rosas. Primaveras. Antúrios.

NINA: Não vou continuar te sustentando.

JÚLIO: Cravos, açucenas, crisântemos, orquídeas.

NINA: Não conte com meu dinheiro. Não vou colocar nem mais um centavo para pagar as parcelas desta casa, nem para as contas.

JÚLIO: Bom.

Também trouxe fertilizante. Você acredita? Agora vem em forma de pastilhas.

NINA: Nem para o mercado. Tanto as contas, como o plano de saúde, é você que vai ter que pagar.

JÚLIO: Quero deixar o jardim bonito.

NINA: Agora meu marido se tornou jardineiro. Que maravilha.

JÚLIO: Vamos poder abrir as janelas e ver cores. A casa às vezes parece um pouco triste. Mais pra frente, podemos colocar umas samambaias, e se quiser, podemos plantar umas quaresmeiras.

NINA: Não quero que você faça nada no jardim.

JÚLIO: Se você não gostar dos arbustos, podemos colocar pinheiros. Crescem mais. E dão sombra.

NINA: Você não está me escutando? Deixa esse jardim em paz.

JÚLIO: Onde tem flores, tem pássaros. Imagina? Acordar e ouvir canários. Hoje me dia vendem uns bebedouros que atraem colibris. A única coisa ruim é a merda que os passarinhos fazem. Mas não se preocupe. Eu me encarrego de arrumar a bagunça que eles fizerem. Eu posso cuidar disso. Se tem uma coisa que eu aprendi com você é arrumar a bagunça. Limpar, tirar manchas, desinfetar com creolina, limpar o tapete com varsol, deixar tudo limpo, asseado, puro.

Nina começa a jogar os arbustos em um saco de lixo.

JÚLIO: Estou doente, Nina.

NINA: Deve ser por não fazer nada.

E esses ataques de histeria não são uma doença. São um escândalo.

Coitadinho de mim, eu não sirvo para nada e além disso tenho medo. Tenho medo de sair na rua. Tenho medo de dormir. Tenho pânico de altura.

JÚLIO: Tudo isso é verdade.

De um tempo para cá os ataques de ansiedade são cada vez mais fortes.

O médico me recomendou descanso, Nina.

NINA: E essa é a hora que ele começa a tremer.

As pernas dele tremem. A mandíbula treme. Ele todo treme.

JÚLIO: Como se eu sentisse muito frio.

NINA: Mas a minha mão não treme nem um pouco.

JÚLIO: Vou embora, Nina.

Silêncio.

NINA: É a primeira vez que ele diz isso.

JÚLIO: É a primeira vez que sou capaz de dizê-lo.

NINA: Você destrói a minha vida, me deixa acabada, me enche de rugas, me deixa doente, me envelhece, me tira do sério e agora diz que vai embora.

JÚLIO: É para o bem dos dois.

NINA: Se você passar por essa porta e eu te denuncio por abandono de lar.

JÚLIO: Eu deixo tudo para você, a casa, o carro, as contas no banco.

NINA: E as dívidas.

JÚLIO: As dívidas também, Nina. Tudo está no seu nome. E se levantar a mão para mim, eu te denuncio por maus-tratos.

Também é a primeira vez que digo isso.

Nina vai para cima de Júlio e começa a dar pequenos empurrões.

NINA: Maus-tratos? Quem está falando de maus-tratos? Você? O machinho com quem eu me casei agora tem medo que sua mulher lhe bata? Então reaja. Quero ver. Quero ver você fazendo alguma coisa com essa denúncia.

Os empurrões são cada vez mais fortes. Tudo que Júlio faz é recuar.

NINA: Eu não tenho culpa de você não ter caráter, não tenho culpa de você não servir para nada. Nem para me colocar no meu lugar. Porque um homem de verdade já teria feito isso. Já teria reagido. Teria me mostrado quem é que manda nesta casa.

JÚLIO: Eu não vou bater em você.

Nina começa a bater mais forte, a dar socos. Júlio segue recuando, tentando fugir dos golpes.

NINA: Eu sei que não, porque a senhorita não é capaz nem de se defender. A senhorita não reage, não diz nada, engole tudo. Meu marido é um maricas. Ou é melhor eu dizer homossexual? Porque não tem nem colhões para sair do armário.

Júlio chega em um ponto que já não pode recuar. Nina não cede em seu ataque, pelo contrário, bate cada vez com mais força. Agora na cara.

NINA: Vamos ver. Me mostra que é homem de verdade. Alguém a quem se possa respeitar.

Vai chorar?

Vai chorar?

Vai chorar?

JÚLIO: Não posso evitar. As lágrimas escorrem sem que eu possa fazer nada para impedi-las.

NINA: Viado de merda. Ao invés de chorar, faz alguma coisa. Agora você se mijou.

Ambos param a ação. A calça de Júlio, de fato, está encharcada.

Pinga.

JÚLIO: E é aqui nessa hora que eu percebo que não aguento mais.

Júlio, sem nem pensar, levanta o regador que tem na mão e bate forte na cabeça de Nina. Ela cai, inconsciente. Júlio bate mil vezes nela. E segue batendo e batendo. Não há gritos nem emoções, só o ruído que o artefato produz ao destroçar pouco a pouco o corpo da mulher.

QUADRO 14

Júlio, ensanguentado, em choque, recolhe o que sobrou dos arbustos e flores. Sem nenhuma emoção particular, começa a semear o jardim.

MULHER: Pesquisas recentes mostram que na Colômbia a cada seis dias uma mulher morre nas mãos do seu companheiro ou seu ex-companheiro e a cada minuto seis mulheres colombianas são vítimas de algum tipo de violência. Segundo enquetes, 50% dos colombianos admitem haver maltratado sua mulher; 26% já praticou algum tipo de intimidação; 14% aponta que pelo menos uma vez deu uma tapa no rosto de sua companheira e 9%, um soco.

De acordo com o instituto médico legal, entre janeiro e setembro de 2009, 206.735 mulheres e 22.589 homens sofreram lesões físicas, foram machucados, abusados e as vezes assassinados pela mesma pessoa que um dia prometeu amá-las e cuidá-las. *

**Considero necessária a atualização destas informações de acordo com o lugar e a data sempre que o texto for colocado em cena (nota da autora).*

Black out.